



# Sou menino novo aprendendo a falar

Talita Viana<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Congada, cultura popular, cosmologia banta, Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

**Resumo:** O artigo faz uma reflexão sobre o estudo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e dos saberes e significados a ele associados. Para tanto, parte-se de questões sobre a autoridade de quem pesquisa/escreve e sobre o reconhecimento de saberes que estão fora da lógica acadêmica de produção e validação do conhecimento.

*Tem umas certas coisas que a gente até pode falar, mas eu tenho que te conhecer um pouco, eu tenho que te dar uma olhada assim, para saber se você pode ouvir, ou se não pode*

Capitão Julinho

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário – também denominado Congado – é uma manifestação religiosa de origem luso-afro-brasileira: tem suas origens num diálogo entre o catolicismo português, a gnosio-logia banta e diferentes cosmologias que existiam no Brasil. Apresenta, portanto, uma mistura de signos e significados que foram sendo traduzidos e reinterpretados pelos negros no continente africano quando da conversão do Reino do Congo ao catolicismo, e, no Brasil, num contexto de escravidão e imposição cultural. A festa é feita pelos rei-

---

1. Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás.

E-mail: [tali\\_morgana@hotmail.com](mailto:tali_morgana@hotmail.com)

nadeiros ou congadeiros, que são os integrantes dos ternos (Catupé, Congos, Vilão e Moçambique): capitães, músicos, dançadores, meirinho e bandeiro. Percorrendo longos percursos a pé, eles cumprem suas obrigações de devotos cantando, tocando e dançando nas ruas e nas casas para Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e suas cortes, estas compostas por reis e rainhas de promessa e por reis e rainhas congos e perpétuos. Os reis e rainhas de promessa são responsáveis pelo almoço e janta dos ternos como forma de pagar alguma bênção recebida. Já rei e rainha conga e rei e rainha perpétua de São Benedito e rei e rainha conga e rei e rainha perpétua de Nossa Senhora do Rosário são reis negros que receberam a missão de serem guardiões da coroa. Esses são os principais da festa e fazem parte da comunidade dos reinadeiros. Sem eles o Reinado não pode sair<sup>2</sup>.

O Moçambique tem primazia nos cortejos, cabendo a ele a função de puxar reis e rainhas negros (perpétuos e congos). Os demais ternos abrem o caminho e conduzem os reis de promessa e devoção. É também o principal responsável pela preservação dos mistérios e da sacralidade da festa. Foi o Moçambique que retirou Nossa Senhora do Rosário da gruta depois de várias tentativas feitas por padres, catopezeiros e vilãozeiros:

Ô companhia / nossa mãe quando apareceu / apareceu em rocha de pedra / foi só vigário buscar nossa mãe / nossa mãe não veio / foi banda de música / nossa mãe não veio / foi congadeiro / nossa mãe não veio / foi catopezeiro / nossa mãe não veio / foi vilãozeiro / nossa mãe aluiu / Ô companhia / com moçambiqueiro / nossa mãe saiu<sup>3</sup>.

---

2. Livreto do CD Reinado do Rosário de Itapecerica: da festa e dos mistérios. Viola Corrêa, 2005.

3. Capitão Zé Rosa, CD "Dos mistérios", faixa 2 do CD Reinado do Rosário de Itapecerica: da festa e dos mistérios. Viola Corrêa, 2005.





A Congada, assim como outras manifestações próprias da nossa cultura popular, existe em uma outra lógica. Sendo fruto de um encontro entre diferentes cosmologias e, portanto, de traduções e reinterpretações dentro de um contexto de escravidão e imposição cultural (no qual a Festa representou uma possibilidade de resistência), construiu-se ali uma cosmovisão muito diferente da que permeia nossa sociedade moderna e secularizada. Ao propor um estudo ou etnografia dessa manifestação deve-se, portanto, considerar essas diferenças não descartando o contexto de colonialidade no qual está inserido – e em como se dará a produção desse conhecimento –, já que o saber não fica fora dessa lógica. Partindo de questões trazidas pelos Estudos Culturais e Teorias da Descolonização, proponho uma reflexão sobre a conduta do intelectual que se incumbe de trabalhar com o Reinado do Rosário.

Enrique Dussel, filósofo argentino, traz a noção de que a modernidade surgida em 1492, com a “descoberta” da América, justifica a violência, a opressão e o subjugar – inclusive dos saberes – e se faz necessário superá-la. Assim, apresenta a ideia de transmodernidade, que reconhece a razão do outro em um projeto pluriversal; que reconhece que existem outras razões, outras cosmologias que não esta ocidental hierarquizante proposta pela Europa. Dentro desse raciocínio, fundamenta a Filosofia da Libertação, uma filosofia aberta ao que não tem espaço, ao que não tem sentido, ao que não é reconhecido pelo sistema, que vai além da dicotomia vigente ser/não ser – que separa o que é identidade e o que é diferença, e que acredita que existe um cosmos que ultrapassa as fronteiras do que conhecemos. Dussel propõe uma filosofia do diálogo, que quer ouvir esse outro dentro de sua própria lógica e construção histórica propondo um diálogo, um discurso inter-subjetivo, com a razão do outro. O desfecho seria a possibilidade de uma comunicação intercultural que não nega a alteridade:

Un proyecto de racionalidad ampliada, donde La razón del Otro tiene lugar en una “comunidad de comunicación” en la que todos los humanos [...] puedan participar como iguales, pero al mismo tiempo en el respeto a su Alteridad, a su ser-Otro, “otredad” que debe estar garantizada hasta el plano de la “situación ideal de habla” (para hablar de Habermas) o en la “comunicación ideal” o “transcendental” (de Apel). (Dussel, 1994, p. 167).



Trabalhar com a cosmologia do universo do Reinado do Rosário requer esse diálogo, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento de outras razões que não a razão ocidental, na validação de outros saberes que são construídos e transmitidos dentro de outra lógica. A transmissão dos saberes no Congado – assim como na Folia de Reis e em outras festas populares – acontece na convivência “desde menino”: é no ver fazer e depois no ir fazendo junto que os significados e valores vão sendo aprendidos. Seu Antônio Ana, capitão do Catupé e embaixador da Folia de Reis, no povoado dos Fagundes, deixa isso claro na sua fala:

Eu, desde menino, meu pai fazia aquelas caixas de cordão, amarrada com corda, de gancho até de vergalhão [...]. Meu pai fazia aquelas caixinhas bem arrumadinhas de couro de cabrito e por ali eu fui crescendo, naquela curiosidade, aprendendo a fazer. Então eu fazia gamela, fazia balaio. Essas coisas tudo então eu aprendi com meu pai<sup>4</sup>.

A Festa é parte da vida e é no dia a dia dentro e fora dela que o conhecimento vai sendo passado dos mais velhos para os mais novos e estes vão se integrando nos ternos: os mais novos passam a fazer parte do terno e acompanhando-o durante a Festa vão aprendendo os cantos, os passos e os significados. A transmissão desses saberes

---

4. Seu Antônio Ana, capitão do Catupé e embaixador da Folia de Reis, em entrevista durante o Reinado do Rosário em 2007.



está intimamente vinculada à ideia de comunidade e de pertencimento. Nela existe uma relação que envolve laços afetivos, tanto que é bastante comum que façam parte do mesmo terno o avô, o pai e os filhos – uma herança passada dentro de casa, dentro da família. Isso fica claro na fala do Seu Antônio Ana, capitão do Catupé:

O pai do Julinho, que é seu Júlio Antônio, também nós saia junto. Foram muitos anos saindo junto. Depois dele ficou eu mais o Julinho e nós envém nessa luta aí desde criança, nós sempre unido nós dois, fazendo o trabalho, cumprindo as promessa, fazendo as festas...<sup>5</sup>

É justamente esse transmitir para os mais novos que garante à Festa e aos saberes associados continuarem existindo para além do tempo de cada geração. O saber fica ali dentro da comunidade, como um patrimônio do grupo, e não morre com a morte das pessoas. Está sempre vivo e presente numa dinamicidade extratemporal.

Também não é possível enquadrar esses saberes em disciplinas como na academia, pois não existe dissociação entre eles e nem a busca incessante por especialização em determinado conhecimento tão recorrente na pós-modernidade. O ofício não está separado da arte. Trabalhar na lavoura de café não exclui ter um conhecimento musical profundo. Não existe, de maneira exacerbada, essa separação tão recorrente nas sociedades industriais entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, os quais, nos grandes centros urbanos, são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas e distantes uma da outra (Arantes, 1981).

Capitão Julinho, além de capitão de Moçambique, é guia espiritual e curandeiro e diz que uma coisa não está separada da outra:

---

5. Idem.

Porque muitas das vezes menina, eu pra ser um capitão eu dependo de ser curandeiro [...] e às vezes eu pra ser um curandeiro eu dependo de ser capitão, [...] Não tem jeito de separar uma coisa da outra, porque o grupo da minha curandagem, digamos assim, às vezes é o mesmo grupo de eu ser capitão...<sup>6</sup>



E sobre esse conhecimento de cura, aprendido com o pai, ele explica:

[...] pra raiz, por exemplo, ocê tem que ter qualquer intuição no lado espiritual pra ocê poder saber como é que ocê faz ou, manipular, digamos assim hoje, as raízes que ocê vai arrancar. Senão a coisa não funciona e o que ele [o pai] fazia era isso. A maneira docê preparar a garrafa de remédio, a maneira docê colher a raiz, docê arrancar a raiz, isso tudo tem um haver com o lado espiritual<sup>7</sup>.

Trazendo essa filosofia aberta ao que não tem espaço, ao que não tem sentido, ao que não é reconhecido pelo sistema, é possível reconhecer a eficácia dessas garrafadas para além da descoberta e comprovação das plantas e respectivos princípios ativos, já que o que faz com que as receitas prescritas pelo Capitão sejam eficazes na cura não é possível de ser explicado com base somente na metodologia farmacológica ocidental.

A cosmologia que permeia o universo do Reinado do Rosário, como dito anteriormente, tem parte de suas origens na cultura banta (região da África central e meridional). É uma cosmologia fundamentada numa metafísica dinâmica e numa espécie de vitalismo que fornece a chave da concepção do mundo. Assim, o Reinado do Rosário é permeado por valores e significados pertencentes à lógica banta,

6. Depoimento do Capitão Julinho gravado em 2004, durante o Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Itapecerica, MG.

7. Depoimento do Capitão Julinho gravado em 2007, durante o Reinado do Rosário no povoado dos Fagundes.



que muitas vezes não cabem em explicações fundamentadas na razão lógica e cética concebida no Ocidente.

Segundo Amewusika Kwadzo Tay, citado por Lopes (2006), a personalidade, dentro da concepção banta, é definida por três eixos: o eixo vertical, que liga a pessoa a seu ancestral fundador, Deus e outras Existências invisíveis; o eixo horizontal, correspondente à ordem social, que mantém a pessoa em ligação com a comunidade cultural; e o terceiro eixo, o da existência própria da Pessoa. Assim, é também parte constitutiva do indivíduo a memória coletiva do seu grupo e seus ancestrais. Mulago (1982), também citado por Lopes, afirma que, para o banto, a vida é a existência da comunidade; é a participação na vida sagrada dos ancestrais; é uma extensão da vida dos antepassados e uma preparação de sua própria vida para que ela se perpetue nos seus descendentes.

O sentimento de pertencimento, portanto, é central na lógica banta: as relações em comunidade são orientadas pelo sentimento de pertencimento, orientado pela linhagem a que o indivíduo faz parte. Como no processo de escravização essas linhagens foram sendo desfeitas, os escravos de origem banta encontraram nas Irmandades – de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Efigênia, de São Benedito – uma possibilidade de vivenciar esse sentimento de pertencimento que não era mais possível ser vivida na linhagem de pai para filho e seus antepassados. Tornaram-se então filhos desses santos, compondo, nas Irmandades, linhagens cujos antepassados foram substituídos por esses santos católicos. No Congado, vários cantos falam de um tempo que já passou, mas que parece continuar presente nos congadeiros, na memória ancestral coletiva, constituindo uma identidade comum. A presença dos ancestrais aparece no canto seguinte:

Mandei lá na Angola buscar Pai Cambinda, corpo morreu, mas cabeça tá viva / êh nnonhò, cabeça tá viva / eu fui lá na Angola, busquei Pai Cambinda, corpo morreu, mas cabeça tá viva / êh nnonhò, cabeça tá

viva, corpo morreu e cabeça tá viva<sup>8</sup>.

E aparece também em momentos durante o Reinado em que o Capitão Julinho, junto do seu Moçambique, chama seu pai, seu avô:

Mandei lá na angola buscar minha pai, buscar minha pai, buscar minha pai, olha lá / eu canto meu ponto, meu pai vai chegar, me chora ingomá / ôh jombê, ôh jombê, ôh jombá, eu canto meu ponto, meu pai vai chegar, ôh jombê, me chora ingomá / êh vovô, meu pai vai chegar, meu pai vai chegar, meu pai vai chegar, olha lá, eu chamo meu pai pra me ajudar, me chora ingomá / ôh jombê, ôh jombê, ôh jombá, eu chamo meu pai pra me ajudar, ôh jombê, me chora ingomá<sup>9</sup>.

Tem-se, portanto, no universo apresentado, elementos pertencentes a uma outra maneira de compreender e apreender o mundo que devem ser consideradas dentro de sua própria rede de significados e que são, muitas vezes, intraduzíveis para a maneira acadêmica de pensar os fenômenos. Mignolo (2003) trabalha essa necessidade de trazermos a gnose como um conhecimento além das culturas acadêmicas, indo além da episteme vigente, que busca um conhecimento verdadeiro e distingue quem conhece e quem é conhecido. Capitão Julinho, durante um depoimento, disse que: “[...] ocê vê um terno na rua, mas é muito difícil docê, a pessoa, enxergar e saber o que tá movimentando naquilo ali; isso aí acho que só mesmo a gente que pode ver e saber<sup>10</sup>.

---

8. Canto gravado durante o Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Fagundes, em setembro de 2007. Incluído no CD Foi o que que me trouxe: Moçambique do capitão Júlio Antônio Filho (Viola Corrêa, 2008).

9. Idem.

10. Depoimento do Capitão Julinho gravado em 2007, durante o Reinado do Rosário no povoado dos Fagundes.







Nessa fala fica muito clara a necessidade de não se negar a existência de qualquer sujeito conhecedor para além do sujeito de conhecimento postulado pelo próprio conceito de racionalidade erigido pela epistemologia moderna (Quijano, 1992). Aqui, o detentor do conhecimento acadêmico pode fazer uma leitura que, como diz o próprio Capitão Julinho, não tenha “nada a ver” com o que está acontecendo, com o sentido daquele fenômeno.

Um estudo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário requer, portanto, uma abertura para outros referenciais e saberes. Começando pelo tempo, que corre em outro ritmo que não o da compressão espaço-temporal típica da pós-modernidade – e é ilustrado no seguinte canto do Capitão Geraldinho: “É devagarinho / é devagarinho que eu chego lá / É devagarinho / é devagarinho que eu vou chegar”<sup>11</sup>. Pelos valores ali presentes, de respeito aos mais velhos, aos ancestrais e que pede licença pra chegar: “Cê me dá licença se eu posso chegar / aqui neste reino se eu posso chegar Eu vem de tão longe/ eu vem sem marafunda / eu vem tango tango / mala na cacunda”<sup>12</sup>. E pela imersão em um mundo cujas necessidades materiais da existência não estão dissociadas das necessidades da alma. Onde o mundo da necessidade, do trabalho e da luta pela sobrevivência, está longe de ser desencantado (Bosi, 1992).

Depois é preciso pensar dentro de uma gnose que é capaz de reconhecer o saber além das culturas acadêmicas sem esquecer-se de localizar o sujeito que escreve sobre o Reinado, já que os sujeitos são geopoliticamente localizados e trazem, a partir dessa localidade, todo um conjunto de noções que estarão presentes no que ele escreve, sobre o que ele escreve. Pensar também na autoridade de quem pesquisa o Congado – e qualquer outra manifestação popular, tentando talvez ir rompendo com os padrões de legitimação vigente que determinam

---

11. Capitão Geraldinho, segundo capitão do Moçambique do povoado dos Fagundes.

12. Capitão Julinho, CD “Dos mistérios”, faixa 15 (Viola Corrêa, 2005).

quem detém o poder de fala, possibilitando a emergência de enunciação sobre a Festa e seus significados a partir dos próprios capitães e congadeiros.

E em se tratando de um tema tão profundo, finalizo o artigo me apropriando das palavras do Capitão Geraldinho: “óia minha jomba num vai reparar sou menino novo aprendendo a falar/ sou menino novo aprendendo a falar/ o que faltou vai me perdoar”<sup>13</sup>.



## Referências

ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DUSSEL, Enrique. Filosofia de la liberación. Bogotá: Editorial Nueva America, 1996.

\_\_\_\_\_. El encubrimiento del outro: hacia el origen del mito de la modernidad. La Paz: Bolívia, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – Universidad Mayor de San Andrés, 1994.

LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. BH: Editora UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. Perú Indígena, Lima, v. 13, n. 29, 1992.

---

13. Capitão Geraldo Balbino, CD “Dos mistérios”, faixa 17 (Viola Corrêa, 2005).



## Discografia

REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA: DA FESTA E DOS MISTÉRIOS. Viola Corrêa, 2005. Coordenação de Sebastião Rios. Direção musical de Roberto Corrêa.

FOI O QUE QUE ME TROUXE: MOÇAMBIQUE DO CAPITÃO JÚLIO ANTÔNIO FILHO. Viola Corrêa, 2008. Coordenação de Sebastião Rios. Direção musical de Roberto Corrêa.

## DVD

CÊ ME DÁ LICENÇA: CAPITÃO JULINHO E O CONGADO DE FAGUNDES MG. Clube do Violeiro Caipira de Brasília e Gaia Vídeo, 2008. Coordenação e direção musical de Sebastião Rios. Direção de Wesley Zaremaré. Roteiro de Carolina Santos, Sebastião Rios, Talita Viana e Wesley Zaremaré.